



# A MAGDALENA

(Quadro de Carlos Dolei, existente no Museu de Florença)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . .	1\$200
» » (3 mezes) . .	600
À cobrança feita pelo correio ou pelo co- brador accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	60

# Rol de desobriga

Na administração dos *ECHOS DO MINHO* -- BRAGA, está á venda papel para o rol da desobriga.

## Collegio Lyceu Português FIGUEIRA DA FOZ

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida. — Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam. Cursos completos de instrucção primaria e secundaria. Professores estrangeiros para a ensino das linguas. Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

Enviam-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.

## Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte-Pio, deve enviar ao presidente da direcção Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41 — Lisboa, os seguintes documentos: 1.º — Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario. 2.º — Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes). 3.º — Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de . . . . . e não está incurso em processo algum ecclesiastico, ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev.º Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga. Os residentes no concelho de Monsão devem dirigir-se ao Rev.º Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, residente em Larangeira.

O Monte-Pio concede subsidio na doença, suspensão, prisão, falta de collocação; concorre com 25 escudos para os enterros dos socios de Lisboa; 20 escudos para os enterros dos socios de fóra de Lisboa; a todos dá jazida no cemiterio do Alto de S. João; todos podem celebrar na capella do azigo; faculta a livreria aos socios a desejarem consultar, etc.



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

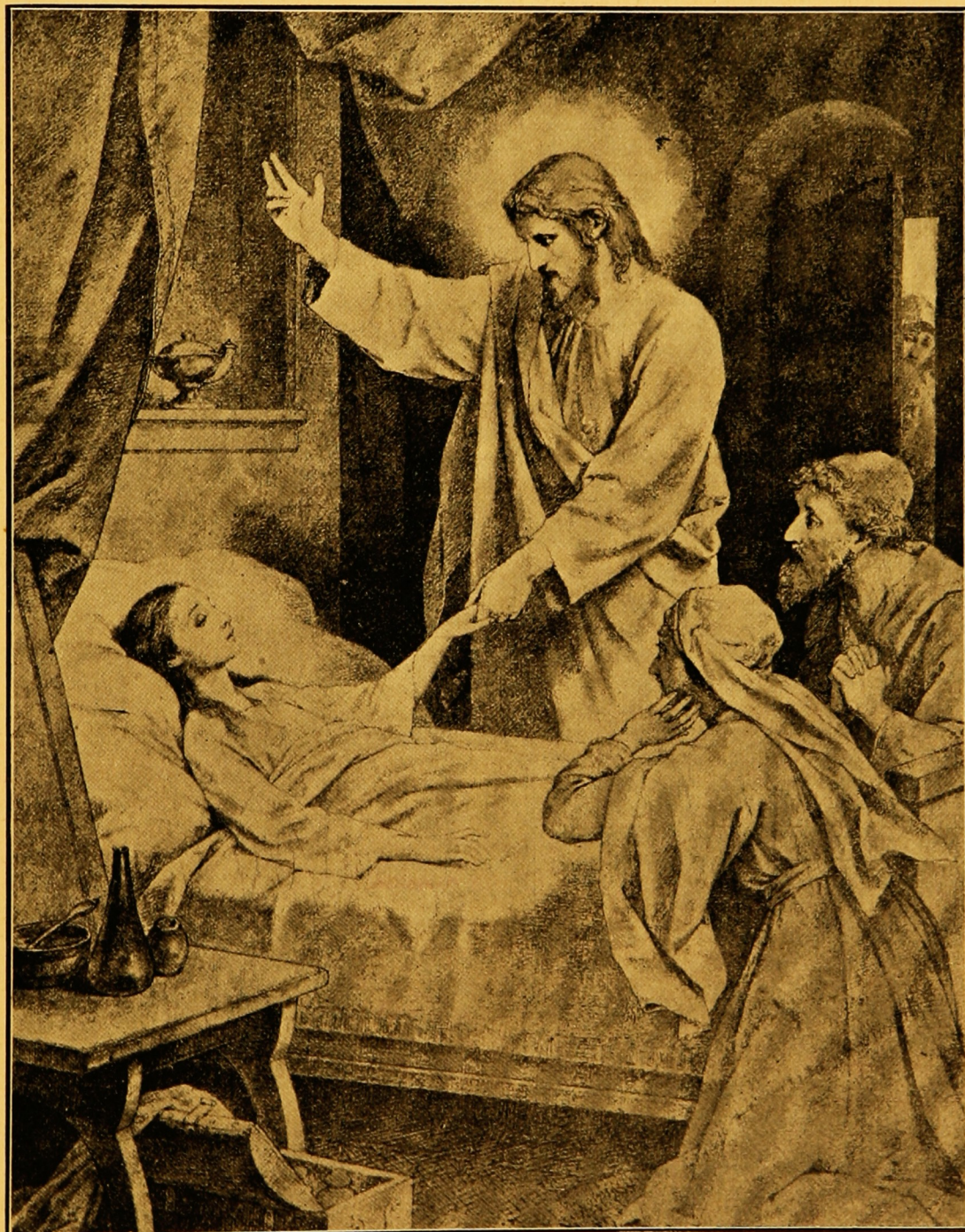
EDITOR  
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 26 de junho de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 104 — Anno II



A resurreição da filha de Jairo  
(Quadro de Crosio)

# Chronica da Semana



## “SONS QUE PASSAM,,

AHI volta o boato apavorante, annunciando alterações d'ordem publica para breve, tendo como resultado fatal a quêda irremediavel do partido democratico, a que o novo governo pertence quer pela maioria parlamentar quer pelas qualidades partidarias dos secretarios d'Estado.

O boato resurge, e resurge como um novo signal de alarme dado a esta sociedade em sobresalto permanente. D'este modo, o boato já constituido em instituição nacional, é ao mesmo tempo uma prova do quanto escuro é o *gâchis* em que nos vêmos, e ao qual a maioria dos cidadãos apenas dá sahida pela porta da violencia. Hontem apellou-se para o exercito, hoje para o syndicalismo, amanhã para a marinha, e sempre, emquanto a disciplina não reviver, para uma força revolucionaria.

Não se illuda o leitor com este adjectivo, que, de facto, na cathogoria das forças revolucionarias estão o exercito e a marinha. Deulhes taes fóros o 5 d'outubro e o 14 de maio, e, pensando bem, tambem lh'os conferiu o movimento da *entrega das espadas*, este sobretudo, porque traduzindo antes uma passividade que uma resolução activa, explicou-nos a todos que a posição creada ás forças militares no 5 d'outubro, posição de subserviencia e de cumplicidade táctica, não se modificou de então para cá.

Sem duvida, durante a chamada dictadura Pimenta de Castro, dentro do corpo militar conseguiu-se delimitar os campos da ordem e da desordem, mas hoje, apoz o 14 de maio, como me dizia ha pouco um observador consciencioso e intelligente d'esta crise, estes elementos que até áquella data se haviam discriminado, encontram-se confundidos ou antes misturados, offerecendo o exercito o aspecto de um taboleiro de damas em que as pedras, brancas e pretas, se achassem baralhadas. E, concluiu assim o meu amigo:

— N'estas condições, facil é de ver que um apello ao exercito, isto é, aos seus elementos de ordem, não dá effeito, pela impossibilidade em que elles estão de entre si trocarem as combinações necessarias a quem vae jogar uma cartada revolucionaria — Demais, as eleições...

Aqui, a esta palavra suggestiva, ato eu o fio de novas considerações, feitas depois de uma reunião curiosissima, convocada para estudar a nova campanha da organização do Centro Catholico, reunião em que muito claramente se debateram duas correntes d'opinião, n'um combate que parecia travado entre o passado e o futuro, entre a conservação dos processos d'astucia e de transigencia com os erros

que de longe veem e a disciplina indispensavel a um povo em desaggregação constante.

— Para quê? diziam os sequazes dos primeiros. Para que tentar utópicamente uma reforma de consciencias embotadas e aclimatadas a uma vida que sabemos má mas para a qual não ha remedio? Para quê tentar subtrahir á influencia do regulo os seus servos conscientes, toda essa massa de leigos e padres, funcionarios e lavradores, que, cumprindo embora os seus deveres de crentes, não teem a convicção d'uma acção catholica necessaria e, na hora da lueta, mettem ao bolso os principios para fazer a vontade de quem manda?

— Para quê?! retorquiam os cutros. Para ensinar este povo a olhar para si, antes de tudo, para dar foça a esta raça, para a salvar pelo triumpho da fé. E' que tudo se conquista. E' só questão de tempo e nada mais, questão de propaganda e educação, que unicamente poderá fazer-se, no nosso meio desordenado desde que a organização se realise por uma necessidade de defeza primeiro, e de combate depois. O triumpho de uma causa não se alcança sem fé, e o catholicismo não terá força no paiz sem que haja catholicos. E não os ha...

Por aqui fóra a discussão crepitou até alta noite, e ao cabo, esta ultima corrente d'opinião sahiu victoriosa, felizmente. Como um echo, o debate ainda se repercutiu entre os assistentes, a caminho de suas casas. Eu vim pensando na fatalidade que tem rodeado e inutilizado quasi toda a acção religiosa do paiz, no descalbro em que isto vae, meio esperançado e meio sceptico... Rondas passavam vagarosas avenida fóra, atravez da neblina que acinzeirava a cidade quasi em silencio. Um garoto pregoava trocista os *palões da ultima hora*. Vinham roucos brados de noctivagos á porta das tabernas a fechar, e juncto de um quartel a voz do render guarda quebrava a solidão vaga da noite... De subito, um amigo:

— Já sabes? Parece que estamos em vesperras de acontecimentos graves... Hontem... uma reunião em Lisboa... contou-me isto um official... quarenta sargentos... syndicalistas... a questão co'a Hespanha complica-se!... Isto vae bem. A monarchia 'stá ahi não tarda nada.

Chamei-lhe *romantico*. Batiam horas na torre da igreja que encerra embalsamado o coração d'aquelle rei que braudou para a platea de S. Carlos, depois do triumpho: — *que canalha!* E antes de me deitar, tornei a ler aquelle formidavel artigo do dr. Bivar sobre o resultado das eleições... como antidoto.

F. V.

# Parlamentares Catholicos

P.<sup>e</sup> Antonio José da Silva  
Gonçalves

VENCEU as minorias no districto de Braga, conquistando uma honrosa votação. O P.<sup>e</sup> Silva Gonçalves é jornalista destemido e brilhante, orador fluente e notavel, bem conhecido dos auditorios do Norte de Portugal. Foi o unico proposto a Senador pelas forças catholicas nas ultimas eleições; venceu, e da sua não vulgar illustração ha a esperar muito para a Acção Catholica, pois desempenhará brilhantemente o seu papel senatorial e com os seus collegas do Centro deve iniciar um fecundo trabalho na vida politica portugueza.

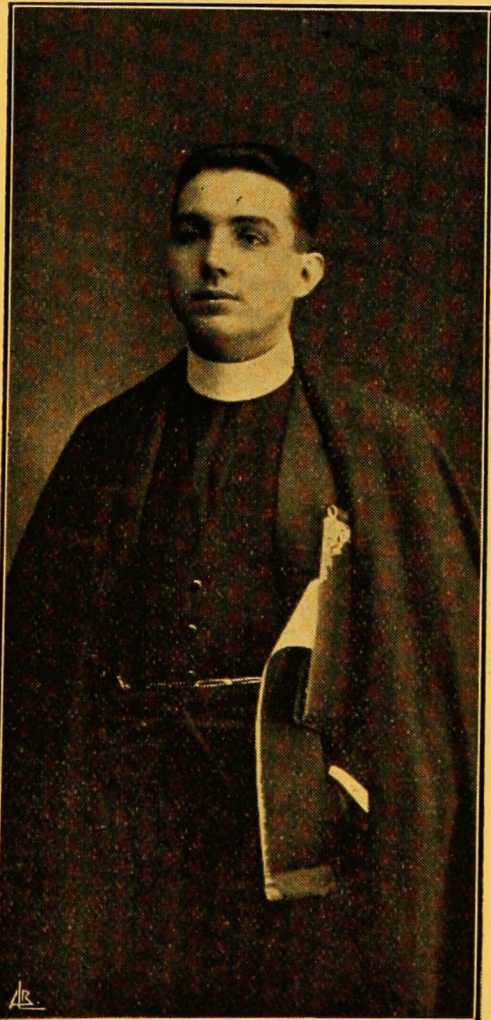


## Castro Meirelles

DEPUTADO pelo Circulo de Oliveira de Azemeis. A sua victoria foi retumbante, e renhida, muito renhida a lucta em que ficou eleito. E' uma esperanza para a Acção do catholicismo na politica, pois os seus dotes de orador são, na verdade, notaveis e o seu saber grande se tem mostrado na vida publica. Castro Meirelles é membro do Centro Catholico do Porto e, com Silva Gonçalves, constituirá o nucleo da mais brilhante phalange. Assim o esperamos.

\*

A «Illustração Catholica», saudando os parlamentares catholicos, lamenta que malas-artes de uma politica baixa lhe tenham impedido juntar os nomes de Clemente Ramos e Pacheco d'Amorim, apesar de terem sido eleitos por Guimarães e Braga.



## **Coração de Jesus**

Levanta o teu olhar : contempla, que prodigio !  
 A fronte cae rendida e, em extasis, adora,  
 O Peito, onde — oh, mysterio! — a Divindade mora...  
 Ao alto, coração! contempla. que fastigio!...

Tudo, deante d'Elle, é menos que um vestigio...  
 — Oceano em convulsões e lampejos de aurora —  
 Os proprios cherubins, que O adoram, a toda a hora.  
 São menos do que pó perante o seu prestigio.

Ha n'este Coração toda a gloria de Deus,  
 — Que eterno esplendor que não cabe nos ceus...  
 Tudo quanto é divino e quanto é infinito.

E' n'Elle que reside a propria Divindade!  
 E, embora seja humano, Elle enche a eternidade!  
 Oh, assombro supremo! oh, prodigio inaudito!...

FRANCISCO SEQUEIRA.

---

## **SUPPLICA**

Eu não quero, Senhor, a vã riqueza,  
 Grandes sommas em ouro amontoar,  
 P'ra que um dia o vicio da avareza  
 Não me venha a consciencia perturbar.

E tambem não cubiço honras, grandeza,  
 Essa frivola gloria de mandar,  
 P'ra que depois não tenha com tristeza  
 De me ver d'isso tudo despojar.

Pouco me importa até ser ignorado  
 Por meu pouco saber e curto engenho,  
 E ser mesmo do vulgo, desprezado.

Só desejo, Senhor, com todo o empenho  
 A meus filhos legar o nome honrado  
 Que de meus paes herdei e que mantenho.

ANTONIO JORGE DE LEMOS TELLES.

## A' BEIRA DA PORTA:

**R**UMOREJA-SE, que a Hespanha vae publicar tambem o seu livro amarello ou verde, cinzento ou branco — as côres esgotam-se afinal — para justificar a sua attitude, perante o conflicto europeu.

Pelo visto, *nuestra vecina* não pode furtar-se á febre de publicidade, que desvaira a reserva fria das chancellarias e Deus louvado, que até agora, se tenha excluído á epidemia bellica, que está grasando em todas as nações.

Entretanto, aquella pressão extranha, a que os jornaes madri- lenos alludem mysteriosamente, e que o governo hespanhol parece ter prudentemente repellido, obrigará talvez á publicação d'um protocolo. Não se pode pensar, com elementos tão vagos, a razão da bro- toeja litteraria da diplomacia hespanhola, mas é de supor, que o ca- so não passe de pura phantasia jornalística.

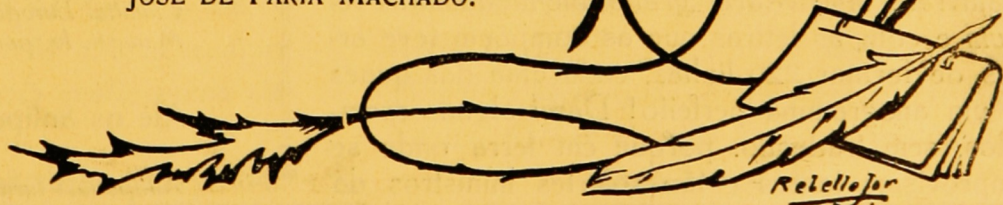
A Hespanha tem-se mantido n'uma prudente e calculada neutra- lidade sem divergencia d'opinião entre os grandes partidos, com o apoio até, da grande massa, excepção feita, para alguns dos obs- tinados amigos do snr. Lerroux ou para aquelles, que a maçonaria assoldadou, em Madrid como em Roma, para agitarem a grande opinião. O proprio snr Blasco Ibañes, que tentou disfarçadamente secundar a politica de Lerroux, interrogado pelos jornalistas, — logo depois de tactear a opinião popular, — não teve mais remedio que optar pela neutralidade.

O gabinete hespanhol conhece e respeita os desejos nacionaes; conhece as suas aspirações e procura unicamente collocar-se de maneira a poder satisfaze-las. Diz-se por ahi, que a Hespanha é germanophila. E' falso. Se os subditos do Kaiser, tem vivas sym- pathias entre os politicos e o povo não é maior nem menor que a paixão, com que muitissimas pessoas seguem anciosamente as ope- rações dos alliados. Garcia Prieto, chefe d'uma grande facção li- beral, não escondeu essa sympathia nas suas recentes declarações sobre politica externa. E pronunciou-se pela neutralidade, como pela neutralidade se tem pronunciado Romanones e tantos outros vultos da politica hespanhola.

A Hespanha de Ferrer, que não teve pejo, ha algns annos, de fomentar no estrangeiro a mais infamante campanha contra a di- gnidade nacional, pode prégar a guerra, que o seu encommendado sermão não encontrará echo na alma do paiz, porque a Hespanha que trabalha e progride e que vê desapaixonadamente o futuro e sabe o que quer, está com o seu governo.

N'este ponto, não ha unia divergencia. A politica da neutra- lidade é a politica nacional. A guerra com todas as suas desgraças, as suas violencias, os seus horrores teve para a Hespanha um ama- vel reverso: a mais absoluta concordancia de vistas entre os seus politicos. No futuro, mantida esta attitude, que por agora nada conde- mna *nuestra vecina* pode vér satisfeitas as suas aspirações... No entanto, o livro dirá se disser...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



## Recordação de Maio

(Agradecendo o foliar ao meu bom amigo  
Padre Martins Capella)

∞∞

Quão delicioso e para agradecido me foi o foliar de Pascoa, que recebi entre as paginas da *Illustração Catholica*!

Eram poucas linhas e pobre o assumpto: um catalogo de homens illustres do appellido de Alves! Mas iam de Portugal, soavam a portuguez castiço, mandava-as um amigo, lá das serranias do Minho, onde os caudaes da velha lingua dos Bernardes, Barros e Lucenas inda manam puros, como a agua que se lá bebe, tão differente da que nos vem ás cidades, por conductos de alvenaria, ferro e grez, a ensaburrar o estomago.

Deus lhe pague as horas de suave meditar que procurou ao desterrado, lá no brumoso e frio

*berço da foragida Liberdade!*

que cantou o nosso Almeida Garrett.

Mas se aquellas horas não tem preço com que possa minha penuria, sempre quero agradecer o artiguinho com outro em que decerto levo a melhor em compita de exiguidade...

Foi o caso que n'uma das minhas seroadas por livrarias velhas dei com um poema em latim, de 226 linhas (que me não atrevo a chamar-lhe versos), em honra da Virgem Maria.

E' auctor do poema um Rev. Padre Frey João Francisco de Luca, capuchinho, de quem não logrei apurar mais nada. Já não é pouco ressuscitar-lhe o poema no seculo XX...

O devoto fradinho tomou para thema as palavras: *Ave Maria gratia plena dominus tecum* e com as letras que as compõem teve artes de formar 226 linhas, cada uma das quaes é um anagramma perfeito! Darei alguns exemplos, sem tradução, porque em terra onde se improvisam tantos e tão solertes ministros da

coisa publica, não é muito suppôr que cada cidadão seja, querendo, um latinista.

A proposição do poema:

*En justa, Dia, pura mater, elogium canam...*

Com a respectiva invocação:

*Virgo sacrata mea, mei tu lumina pande,  
Vera magistra, pia da lumen cantui meo...*

Vem depois esta vehemente saudação:

Euge alta actu pura! Admiramini omnes,  
Ea tanta, ea sanè miraculum, prodigium!  
Te, advocata mea, mirè magna, nihil purius.  
Tu, Agna Dei, creata purè, immunis a malo.  
Tu alma, pia, tu verè magna, decora nimis,  
Tu genita es pura omni macula rei Adam,  
Ac, si Eva impura gemat, non tu; alma ride!  
Amore ignita es, unde pura, immaculata,  
Gemma sine luto, tu anima pura, cara Dei,

etc., e conclue:

Tu unica pura es, o magni Dei mater alma,  
Age, Diva Immaculata, inter omnes pura...

N'estas alturas o bom do frade toscou o diabo e — agora o vereis! — zargunchou-o, ouriçando os versos com o ponteagudo imperativo do verbo *ire*:

I, procul, i, Satan, i a vera, munda, et gemma,  
I, i, procul, saeve, a Matre agni, dum manat.  
I, i Tam elatum, Agna, vi supera Draconem.  
Io, tremenda clama: Rupì jugum Satanae!

Enxotado o mafarrico, o fradinho convoca os ceos, os santos, os anjos, os mares:

*Laudate, Oceani, virginem satam puram,*

e as ilhas, os elementos, as partes do mundo:

*Clamitat Europa, Agna Jesu, mire munda...  
Manasti, Io, pura, lumen! Gaudet America.*

Até os antipodas:

*Antipodum turma clama: en regia a Jesu!*



Chama depois as nações, não esquecendo a Allemanha:

*Una Dia est: Evam puram Germania colit,*

mas não chama Portugal, desaire que eu não perdô a Frey João Francisco de Luca.

Continúa invocando cidades: Luca, Milão, Napoles, Veneza, Genova, Roma, depois os Apostolos:

*I, Paule, ama, canta, Virgo mirè munda est!*

as ordens religiosas: Jesuitas

*Jesuita me adorat in magna luce puram,*



BRAGA—A Direcção do «Minho Sport Club»

Da direita para a esquerda (de pé)

os snrs. Manuel Ferreira, 1.<sup>o</sup> secretario; Alberto Martins, thesoureiro; Raul Braga, presidente; José J. Ferreira, 2.<sup>o</sup> secretario; e José F. de Mattos, captain geral; (sentado) o snr. Bernardino Gomes, vice-presidente

dominicos, gracianos, carmelitas, cartuxos; logo os Santos Padres, os Doutores, os fieis, os velhos e os novos, os ricos e os pobres, os devotos e os peccadores, até os Turcos, até os condemnados, todos enfim elle chama, sempre com as lettras de *Ave Maria gratia plena dominus tecum!*

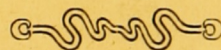
E para coroar a obra, esmera-se Frey João

e põe na bocca da mesma Virgem estes anagrammas, em que até o latim, estorcegado na fôrma, parece ganhar brio e fluencia:

Clamat Mater: Ego Dei sinu pura manavi,  
Re mundè emanavi, plagata ictu amoris.  
Clamat: Pura ego, nam divira Jesu Mater,  
Ego mitis, veneranda, pura, Immaculata,  
Ter Immaculata vivo, magna Dei parens.  
Mater, penitus ignoravi maculam Adae,  
Et pia ac munda Salvatorem germinavi.  
Alma Dei Nati Mater, ego unica pura sum!

E acabou. Invejemos, meu caro amigo, ao bom Frey João de Luca, os lazeres, a paciencia, a devoção à Virgem, e a indulgencia com que esta lhe terá valido, no tribunal divino, se algum latinista da bem-aventurança lhe quis pôr embargo, pelo tempo que perdeu a torturar a bella lingua do Lacio.

ARTHUR BIVAR.



A menina Maria de Lourdes e o menino Mario Izabel, filhos da ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria Angelica Henrique Torres Pereira de Lima e dr. Arthur Pereira de Lima, vestidas á moda do Minho

# Reminiscencias

A PROPOSITO...



«Tem-te Portugal... que te caes em Castella...»

*Phebo Moniz.*

**E**RA nos principios do seculo XV. Tinham apenas serenado as luctas com o castelhano, D. João I sentava-se no throno d'Aviz, bem entaboladas as relações com os outros paizes, as ligações diplomaticas com a vizinha Castella eram um facto, mas apenas mascaravam os odios de raças, as sordidas ambições, as represalias que roncavam ainda como fêras no fundo dos corações, n'uma apparencia de paz e amizade... como vulcões debaixo de montanhas de gelo...



PORTO — «Team» desportivo de Lisboa que sahiu vencedor no desafio realizado ha dias com o «team» do Porto

Reinavam a paz e a prosperidade em todo o paiz, consolidada a monarchia nova por uma pleiade de caracteres das élites da sociedade que rodeavam D. João I desde a lei em João das Regras até á espada em Nun'Alvares. As ordens religiosas floresciam, o mosteiro do Carmo dominava Lisboa nas alturas, alli Nun'Alvares tendo attingido o apogeu da gloria, consummada a sua epopeia, veio em annos de penitencia pôr um epilogo á obra gigantesca da sua vida.

Eram decorridos quinze annos apoz Alju-

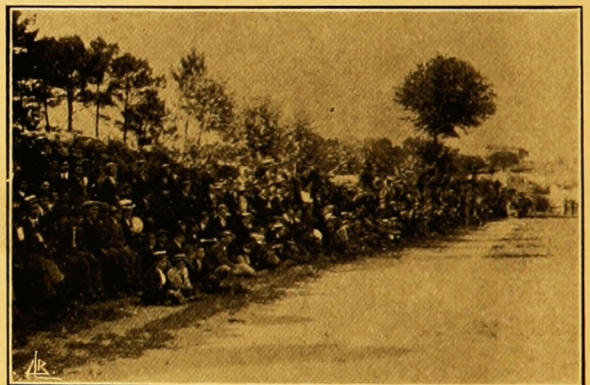


«Team» do Porto



Um aspecto da assistencia durante o desafio entre os dois «teams»

barrota, no dia 1.º do anno, dia de cumprimentos diplomaticos, pára um coche á portaria do convento do Carmo, apeiam-se os lacaios engalonados, ladeando um alto personagem, nobre no seu porte, altivo no seu ar, um estrangeiro bem acreditado no paiz e cheio de honrarias. O irmão porteiro, pequenino e humilde no seu burel de donato, não se amedronta, nem se atemoriza, parecendo affeito a receber diariamente altos personagens, principes, funcionarios da côrte e até reis, debulhando instinctivamente com uma mão as contas negras do seu rosario, com a outra escolhendo uma chave n'um molho d'ellas, que lhe pendem á cinta, abre, de par em par, uma porta que dá passagem sobre o claustro, d'onde se ouve o



Outro aspecto da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

finalizar longiquo do chôro dos frades no officio monotono e tranquillo como as suas vidas; o irmão da portaria abre a clausura portão de ferro, que dá entrada ao embaixador de Castella (era elle o visitante) para um locutorio, sala immensa de lage fria, poucos assentos á volta, ao centro uma meza nua de cedro, no fundo um enorme Crucificado, de braços abertos, sorri dolorosamente, com a fronte inclinada para o symbolo de paz: o ramo da oliveira, e a palma, symbolo da victoria que se enlaçam a seus pés.

O diplomata, n'um relance, revê todo um passado de sangue e de derrotas que esse frade, que elle procura, trouxe em victorias a Por-



RIBEIRÃO (Famalicão) — A igreja parochial de Ribeirão

## Visita pastoral do Senhor Arcebispo Primaz a Ribeirão



O illustre Prelado bracarense, Senhor D. Manuel Vieira de Mattos realizou a sua promettida visita pastoral á freguezia de Ribeirão, concelho de Villa Nova de Famalicão, no dia 11 do presente mez, dia do Sagrado Coração de Jesus.

S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, que foi recebido com entusiastico respeito e carinho, paramentou-se de pontifical na capella de Santa Anna, seguindo para o templo parochial, onde procedeu á distribuição do Pão Eucharistico a 160 creancinhas, tendo-lhes previamente feito uma tocante allocução.

Na festa religiosa, que foi muito brilhante, subiu ao pulpito o egregio Antistite, proferindo um substancioso sermão, repleto das puras doutrinas christãs.

A visita do nobre Arcebispo de Braga ao concelho de Famalicão, constituiu uma alta e significativa homenagem de filial veneraçã pelas superiores virtudes que exornam S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>

tugal; o seu espirito vagueia, agita-se, enquanto que por uma porta de ferro, entra despercebido, sereno e magestoso, o heroe d'outr'ora, o monge de hoje!... Saúdam-se... e o embaixador beijando o escapulario do Santo, murmura cerimoniosamente: «Meu Senhor, Condestavel... Dom Nuno...»

— «Não, não, brada o frade, morreu, eu sou Frei Nuno de Santa Maria!...»

Prosegue o colloquio, diplomaticamente, alheio á politica, e momentos depois diz o embaixador:

*O Senhor Arcebispo Primaz sahindo procissionalmente da capella de Santa Anna em direcção á igreja parochial*



«Então para sempre este habito de burel?...  
«e nunca mais despirá essa çamarra?...»

Dom Nuno, n'um impulso epico, revivendo todo esse passado de conquistas e de glorias, de odios e de luctas sangrentas, como no furor da peleja, ouvindo o sibillar das balas, o tropel dos cavallos, o som longiquo dos clarins, o silvar metallico dos aços, vendo o relampaguear dos arnezes e das cottas, dos capacefes, sentindo o furor embriagador das batalhas, vendo só alli deante de si a figura agoirenta e sinistra do castelhano, o inimigo irreductivel, levanta-se magestoso, e n'um gesto d'indignação, desapertando a çamarra de burel, mostra aos olhos deslumbrados do embaixador o brilho do seu arnez e responde serenamente:

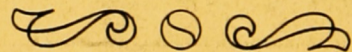
«Sim, despirei este burel no dia em que  
«Castella tornar a mover guerra a Portugal.»

O embaixador attonito, pallido e commovido, despede-se confusamente, fulminado pela resurreição do vencedor d'Aljubarrota.

A alma do Condestavel não dorme, e sempre nova, vela sobre o velho Portugal, nação que dorme, mas entretanto... Castella não dorme.

Porto, 10 de  
Maio de 1915.

ALMAFALLA.



# Padre Antonio Vieira

I

∞∞



Padre Manuel Bernardes é para mim o Lima crystallino e mavioso que rega alfombras, constella de prata os prados e as veigas e deixa soluços e beijos, crystaes e angelicos murmurios, nas espessuras carinhosas, nas regiões feiticeiras do Alto Minho, paraíso e Mesopotamia — como o dizem tantas galas da natureza e as duas esplendidas linhas d'agua que lhe servem de divisoria: ao norte, o caudal que espuma de Melgaço a Caminha; ao sul, a fita placida, luminosa e branca, que vem desde Lindoso, desde ao pé das

pelos salgueiros, o clamor pelo gorgueio, a trombeta pela avena.

Em Bernardes ha mais amor extatico, mas nos pairos d'aquella pomba palpitam muitas vezes o ardor e a audacia, a força e o rasgo da aguia imperial: em Vieira ha mais robustez e arrojo, mas nos raptos d'aquelle condor ha tambem deliciosos collapsos de rouxinol que devaneia, de andorinha que esvoaça, de onda, que se quebra em espumas transparentes, offerecendo perolas, musicas simples, como que idyllos fluctuantes.

Bernardes, o lyrico eminente, é ás vezes epico até ao sublime: Vieira, o rhapsodo colossal, quasi sempre guerreiro e desmedido, tambem, a espaços, é singello e brando, murmurando bucolismos sobre a poeira das batalhas, como o gigante que, embainhando a espada, ajoelhasse a cantar orações admiraveis,



*RIBEIRÃO (Famalicão) — Grupo de creanças que fizeram a primeira communhão no dia da visita do Senhor Arcebispo Primaz*

cabeceiras da Serra do Gerez, até Vianna do Castello, a linda e secular princeza, que parece sempre noiva, á espera do dia do seu consorcio com uma luz mysteriosa.

O Padre Antonio Vieira tem, entretanto, profundezas como o Douro e magestades como o Tejo, mas nem por isso Bernardes, na sua amenidade, deixa de ter grandezas que o oceano perfilharia como sua legitima gloria. Por seu turno, o grande Vieira, formidavelmente epico quasi sempre, não raro troca os abysmos

rythmadas por Stradella ou por Palestrina.

São, pois, dois classicos como que inseparaveis, apesar da differença de indoles. O oratorio canta e, d'onde a onde, pelega: o jesuita pelega e, d'onde a onde, canta. Mas os canticos e clamores de ambos são tão eguaes na limpidez vernacula, na genialidade conceptora e formal, que onde sorri Bernardes pôde fulgurar Vieira e onde relampeja o eminente jesuita pôde ficar bem o paio excepcional do oratorio illustre.



*RATES (Povoa de Varzim)—Um passeio catechista modelo. Cerca de 400 creanças das freguezias de Rates e Touguinhó que se visitam no meio do maior entusiasmo.*

*Grupo de meninos da catechese de Rates que tomaram parte no passeio*

\*

Mas, antes de mais nada, e já que de frente a figura colossal do Padre Antonio Vieira, demoremo-nos na lição portuguezissima e modelarmente catholica da vida do immortal jesuita.

Auxilia-nos com eloquencia e estudo solido o Padre André de Barros, tambem gloria da Companhia de Jesus. Mais tarde, outro valeroso e talentoso jesuita, o Padre Luiz Gonzaga Cabral, hoje no exilio, mas sempre decerto com a alma em todas as obras da fé religiosa na nossa patria, nos dispensará relampagos do seu

critério e do seu saber, ajudando-nos no empenho de ensinar a quasi todos os portuguezes quem foi o Padre Vieira, tão citado e louvado, e tão pouco lido, tão immortalizado e tão desconhecido pelos que mais carecem da sua fé pura, do seu genio, da sua lição de bronze e de luz.

\*

A 6 de fevereiro de 1608, nascia Vieira em Lisboa. Não é, quanto a mim, insignificante fixar esta data se, referida ao nascimento d'um verdadeiro grande homem, lembra ainda um dos mais tristes periodos da vida nacional.



*Grupo de meninas da catechese de Rates que visitaram Touguinhó no passeio catechistico*

Dominava-nos a Hespanha. Reinava em Portugal Filipe III, ou, para os portugueses, Filipe II.

O Padre André de Barros, ao dar á estampa o seu livro, não quiz olhar para o anno triste em que Vieira nasceu, e nada disse da agonia portugueza de então para não se desviar do seu objectivo empolgante: a vida do seu grande confrade.

Eu, menos disciplinado, mais sensitivo mais humilde, não posso fugir a uma contemplação dolorosa d'aquelle tempo, e chego a julgar, entre devaneador e escrupuloso, que mais facilmente faço emergir assim a figura de Antonio Vieira.

Filippe III não herdara de seu pae, Filipe II, as



O rev. parcho de Rates, acompanhado dos revs. Arnaldo Moreira e José Antonio d'Oliveira e um grupo de creanças que discursaram e recitaram poesias por occasião da visita a Touguinhó



A igreja parochial de Rates

eminentes qualidades que tantos amigos e tantos terriveis inimigos lhe criaram, chamando-lhe os primeiros um novo Salomão e dando-lhe os segundos o epitheto sangrento de Tiberio das Hespanhas. Comtudo, se não teve genio para realizar a *monarchia universal*, sonhada pelo austero filho de Carlos Quinto, soube alliar-se á Inglaterra em 1604, alcançou treguas de 12 annos com os Paizes Baixos em 1609, deu, emfim, as mãos á França, desposando com Luiz XIII Anna d'Austria, uma das mais celebres infantas hespanholas, filha gentil do mesmo Philippe III.

O duque de Lerma, seu primeiro ministro, encontrava no soberano da Peninsula o mesmo docil collaborador que o marquez de Pombal teve no senhor D. José I.

A differença para melhor estava apenas no ministro, já que, como de passagem provarei, o grande Pombal da lenda não eguala, dentro da verdade, nem Richelieu, nem Colbert, nem Sully, nem mesmo os nossos Antonio Carneiro, Pedro d'Alççova, Castello Melhor, e ou-



*Um aspecto da chegada das crianças e catechistas de Rates a Touguinhó*

tros que não deram no goto e na furiosa mania dos nossos Voltaires e Naigeons.

Mas a Hespanha declinava. Os Moiros convertidos sublevaram-se e porisso eram expulsos, perdendo assim o reino mais de 200.000 braços, consideraveis fortunas.



Portugal, cada vez mais convulso, dava mostras de reagir, mas, como era crescente a miseria em toda a Península, e como afinal a constante variação do valor das especies monetarias parecia caprichar no agravamento de todos os males, o governo de Madrid esmagava



*Grupo de meninos da catechese de Touguinhó com seu parochio o rev. dr. Accacio Antonio Ferreira Barbosa*

va e algemava o povo lusitano com tanto medo de uma revolução como insaciavel fome de recursos que já não podia arrancar á profunda miseria de Hespanha.

Lisboa, em 1608, quasi na vespera do tratado de treguas com a Flandres, era uma tristeza indignada, coberta de ferros e de espiões. Pobre grande cidade! Desde 1580 até hoje,

que é esse quasi sempre o seu destino tragico. Os paes de P.<sup>e</sup> Antonio Vieira eram fidalgos. Christovão Vieira Ravasco, o progenitor, era nobre palatino. A familia dos Ravascos tinha o solar em Moura, além do Guadiana.

A dôr de Christovão Ravasco, perante a escravidão de Portugal é evidente no desengano com que em 1615 abalou levando a familia



*Grupo de meninas da catechese de Touguinhó*



*A igreja parochial de Touguinhó*





*Preparativos para uma merenda oferecida pelo rev. parcho de Touguinhó ás creanças que tomaram parte no passeio*

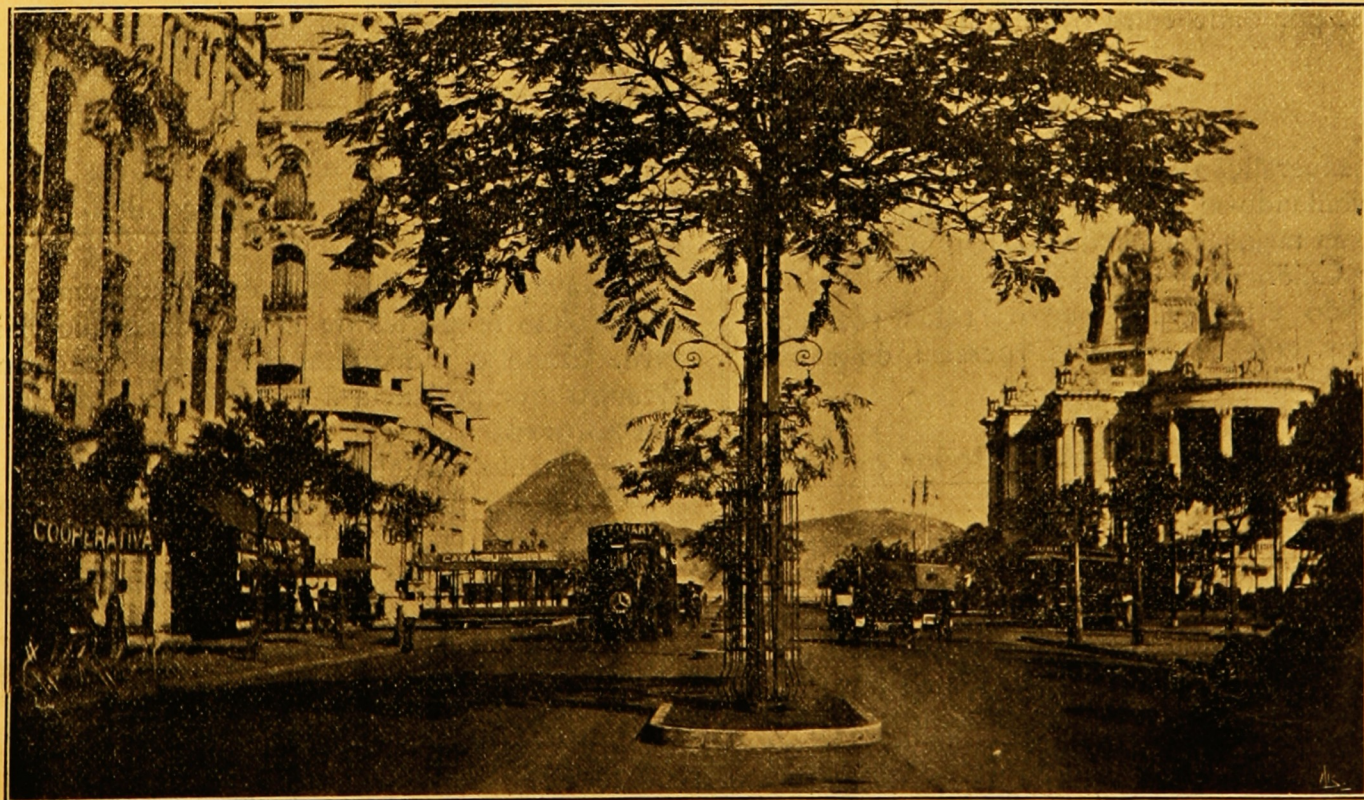
para a Bahia a procurar impressões novas, internas que não o obrigassem a transigir demais com a hegemonia de quem tudo mandava.

D. Maria de Azevedo, a mãe de Vieira, era também fidalga. Não patenteiam os biographos muitos traços da sua linhagem e figura. Basta, porém, saber-se que foi exemplar esposa

guezissimos. Fazia-o christão o Santo, por excellencia de Portugal. D. Fernão Telles de Menezes, Conde de Unhão era o padrinho, na verdade: mas Santo Antonio de Lisboa, o grande theologo e missionario era quem desde já lhe valorisava as graças do baptismo.

JOSÉ AGOSTINHO.

## A "Ilustração Catholica,, no Brazil



*RIO DE JANEIRO—Um aspecto da Avenida Rio Branco, vendo-se ao fundo o Pão d'Assucar*

(Clichê de José Carvalho phot. do «Jornal do Commercio»)

# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos



**A**LCIBIADES foi encontrar Pericles muito triste e sem saber como daria contas aos athenienses do dinheiro que tinha gasto do thesouro publico.

—Que tens, Pericles?

—Não sei como hei de dar contas ao senado...

—Visto isso, melhor é cuidares em como as não hasde dar.

### Pericles e Alcibiades

### Amo a traição...

Rhemitalces abandonou a causa de Marco Antonio e passou-se para as hostes de Augusto. Em ocasião que d'este facto tomou pretexto para lisongear o imperador, este advertiu-lhe:

—Eu amo a traição, porem não louvo o traidor.

### E o dono?

Um mau homem construiu umas casas e no humbral da porta escreveu: *Não entra por aqui coisa má.*

Diogenes perguntou:

—E por onde entra o dono da casa?!

### Superstição romana

A superstição era tão funda nos romanos, que levantando-se um supersticioso uma manhã achou as meias ruidas dos ratos, e correu a buscar Catão para o consultar.

—Não é maravilha que os ratos roessem as meias, mas se as meias roessem os ratos isso seria milagre.

### Matar todos os cães

A defeza da cidade de Siana foi tão heroica, que Aureliano Cesar prometteu aos seus soldados *não deixar cão com vida*. Com tão clara promessa de saque redobrou de coragem o exercito e a cidade foi tomada n'uma arrancada indomavel. Os soldados pediram a Cesar o cumprimento da sua palavra.

—Jurei que não deixaria cão com vida. Ide e matai todos os cães que encontrardes.

E d'esta maneira perdoou aos vencidos zombando da cubiça dos soldados.

### Almeida já está dada

Aquecia-se D. Pedro I a uma chaminé, mas como o fogo fosse muito vivo mandou a um fidalgo que se pozesse deante. Conservou-se impassivel o fidalgo apesar do fogo lhe queimar as costas da veste, o que observado lhe fez mercê da villa de Almeida.

E foi este facto tão conhecido que estando el-rei D. Manuel a aquecer-se, disse a um fidalgo que se collocou deante:

—Afastae-vos que Almeida já está dada.

### Casar com o furtado

No tempo d'el-rei D. João III, certo escrivão da camara real, que tirava do officio mais do que o honesto, ajustou o casamento de sua filha com Jorge Furtado, fidalgo de muita distinção. El-rei, que soube deste ajuste, perguntou diante de muitos fidalgos se o escrivão já tinha casado a filha.

—Sim senhor, respondeu um fidalgo, casou-a com o *furtado*.

### Os melhores versos

Leu certo poeta uns versos a Theocrito e perguntou-lhe quaes lhe agradavam mais. Theocrito respondeu:

—Os que não leste.

### O preço dos asnos

Estava um dia Luiz XV escutando um orador prolixo ás portas de certa cidade que visitava. Como o monarcha parecesse enfadado, Beantru que pertencia á comitiva real, perguntou ao orador:

—Quanto custam os asnos cá na cidade?

O orador parou e depois respondeu camente:

—Conforme. Se elles são do seu tam e da sua raça valem dez escudos.

\* \* \*

Desagradecido é o que em segredo é agradecido.—*Seneca*.

Agradecendo o pouco se faz divida para o muito.—*Cassiodoro*.